

Memória: Alcyon Baer Bahia, Walderedo Ismael de Oliveira e uma aplicação quase esquecida da psicanálise

Roberto Bittencourt Martins

Revista Brasileira de Psicanálise
número especial, p. 221-231 · 2017

Resumo

O artigo relembra o trabalho de dois pioneiros da psicanálise no Rio de Janeiro, que se dedicaram também a sua extensão aos grupos terapêuticos, trazendo assim para o Brasil as técnicas que haviam aprendido durante o período de sua formação analítica na Argentina. Sua prática era fundamentada principalmente pelos conhecimentos adquiridos no Northfield Hospital e na Tavistock Clinic, durante a Segunda Guerra Mundial, por Bion e outros analistas. A animá-los, as preocupações sociais – similares àquelas manifestadas por Freud em 1919 – e a pesquisa, embasada na psicanálise, sobre as sociedades humanas, a exemplo de Freud em 1921. São focalizados Alcyon Bahia e o primeiro grupo de psicoterapia analítica realizado no Brasil (1951), e os múltiplos trabalhos de Walderedo Ismael de Oliveira no Setor de Pesquisas Psicanalíticas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil.

Palavras-chave

pioneiros da psicanálise; psicoterapia analítica de grupo.

ROBERTO BITTENCOURT MARTINS é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro SBPRJ.

Existen momentos en que un tema entusiasma; quizá esto en gran parte se debe a que el tema es joven en nosotros y nos contagia su optimismo.

(Psicoterapia de grupo: su enfoque psicoanalítico, León Grinberg, Marie Langer & Emilio Rodrigué)

Sobre a epígrafe

A frase, escrita no prefácio de um livro de grande influência entre os psicanalistas latino-americanos de meados do século XX, registra um momento marcante, embora pouco lembrado, da então jovem psicanálise de nosso continente. E aponta para uma das intenções deste artigo. Nele, tentarei recordar o trabalho de dois dos 14 fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), relembrando seus esforços na extensão da psicanálise aos grupos, muito em decorrência de suas preocupações sociais. Ambos, Alcyon Baer Bahia e Walderedo Ismael de Oliveira, viveram com intensidade aqueles anos de entusiasmo, tanto em relação à psicanálise quanto à sua aplicação em grupoterapia. Reunindo as hipóteses de Freud sobre a difusão da terapêutica psicanalítica para todas as classes (Freud, 1919/1969a) e sua concepção da inexistência de contraste entre psicologia individual e social (Freud, 1921/1969b), o tema e a clínica da psicoterapia de grupo satisfaziam também os anseios democráticos de igualdade e justiça. Buscarei, portanto, refazer aqui a memória do esforço realizado por Bahia, antes e depois

da criação de seu primeiro grupo, e do trabalho desenvolvido pelo ânimo incentivador de Walderedo no Setor de Pesquisas Psicanalíticas do Instituto de Psiquiatria da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro). Os dois foram também responsáveis pela especialização de muitos psicanalistas em psicoterapia de grupo no Rio de Janeiro e pela elaboração de vários trabalhos. Contudo, todo esse acervo de conhecimento e experiência parece haver sido deixado de lado, esquecido e, mesmo, repudiado desde as últimas décadas do século passado. Nunca tendo sido unanimidade entre os psicanalistas, muitos dos quais a viam como uma contrafacção da psicanálise, a grupoterapia analítica veio sofrendo impactos e acentuado declínio nas duas últimas décadas do século XX, quando desapareceu tanto das instituições quanto da clínica privada. Não seria inoportuno resgatar um pouco de sua história, apesar de eventuais controvérsias, ainda mais numa época em que o estudo dos grandes grupos, crescente no exterior, começa a ganhar repercussão em nosso país (Penna, 2014).

O grupo argentino na constituição da SBPRJ

Como vários neuropsiquiatras dos anos 40 no Rio de Janeiro, Bahia e Walderedo desejavam mais do que um conhecimento

teórico da psicanálise. Alguns deles aguardaram a vinda ao Rio de um didata indicado pela Associação Psicanalítica Internacional (API) e puderam iniciar sua formação com a chegada, em 1948, do doutor Mark Burke, recomendado por Ernest Jones. Outros – o casal Perestrello, Bahia e Walderedo – procuraram formação em Buenos Aires, na Associação Psicanalítica Argentina (APA), por volta de 1947. Iriam constituir o chamado *grupo argentino*, que, reunido ao dito *grupo de Burke* e ao *grupo inglês* (brasileiros vindos de formação analítica na Inglaterra), fundariam na década seguinte a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (Perestrello, 1987).

Em Buenos Aires, encontraram um ambiente psicanalítico em plena fase de crescimento, vigoroso e vivaz. O movimento começara em 1938, com a chegada de Ángel Garma, espanhol, cuja formação analítica fora feita com Theodor Reik no Instituto de Berlim, ao lado de inúmeros analistas notáveis que o nazismo depois faria emigrar. A Garma se juntariam Celes Cárcamo, argentino formado na França; Marie Langer, vinda de formação na Áustria e de uma temporada colaborando com os republicanos na Guerra Civil Espanhola; os irmãos Rascovsky e Pichon-Rivière, que já iniciava uma comunidade terapêutica com grupos operativos. Esses pioneiros e outros mais formaram o núcleo da Associação Psicanalítica Argentina, que, reconhecida pela API em 1942, passou a publicar uma revista com trabalhos

psicanalíticos de seus membros – todos de grande operosidade e muito criativos –, além de artigos contemporâneos relevantes. A revista difundiu bem não só a psicanálise como a possibilidade de formação analítica na Argentina, atraindo psiquiatras brasileiros tanto do Rio quanto de Porto Alegre, como Mário Martins, Cyro Martins e José Lemmertz, que mais tarde fundariam a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (Cesio, 2000). Também a aplicação da compreensão psicanalítica e de sua técnica aos grupos chegou ao conhecimento prático dos alunos vindos do Brasil no cotidiano do aprendizado com seus professores da Argentina. O primeiro destes, Pichon-Rivière, começou a formar grupos terapêuticos no Hospital Nacional de Neuropsiquiatria em 1947, dentro ainda do modelo teórico de Paul Schilder. Em 1952, vindos de Londres e de um período de trabalho na Tavistock Clinic, Juan Morgan e Emilio Rodrigué – este já com sua formação completa e tendo sido observador de Sutherland – trouxeram o método de Bion para Buenos Aires. Seguindo as concepções bionianas, Rodrigué formou grupos de neuróticos, convidando os colegas para serem observadores e criando assim um grupo de estudo sobre grupoterapia entusiasta com as novas possibilidades terapêuticas. Ou, nas palavras de Grinberg, Langer e Rodrigué: “Todos estábamos entusiasmados por las nuevas dimensiones terapéuticas y experimentales que nos ofrecía esta técnica. Además, siendo todos analistas, nos satisfizo profundamente ver las perspectivas que se abrían al aplicar psicoanálisis a los grupos” (1957, p. 206).

Dois pioneiros da psicanálise no Brasil: Alcyon Baer Bahia e Walderedo Ismael de Oliveira

Esse entusiasmo e essa satisfação contagiaram a maioria daqueles que se iniciaram como observadores, participando em silêncio das sessões, como aprendizes mudos, ocupados em perceber o que se passava entre pacientes e terapeuta e voltados também para o exame de suas próprias emoções no decorrer do encontro. Certamente foram importantes na atividade tanto de Bahia quanto de Walderedo quando regressaram ao Rio. Eram ambos psiquiatras, nascidos no Nordeste: Bahia no Recife, em 1911; Walderedo em Caiçara, Paraíba, em 1917.

Bahia, filho de um jornalista e de uma professora de francês e pianista, veio ainda menino para o Rio. A família era grande, composta por sete irmãos, mas seu pai faleceu quando tinha 11 anos. Formado em 1936 pela Faculdade Nacional de Medicina, estudou no Instituto de Psiquiatria e ingressou, após concurso, no então Serviço Nacional de Doenças Mentais, trabalhando também no Serviço de Assistência aos Menores (Marinho, 2012). Buscando analisar-se e obter formação psicanalítica, viajou para Buenos Aires em 1945, retornando ao Rio em 1950.

Já Walderedo passou a infância em Caiçara, pequena cidade paraibana, onde seu pai foi comerciante, tabelião e, depois, eleito prefeito e deputado estadual. Fez o curso secundário em João Pessoa e a Faculdade de Medicina de Recife, diplomando-se em 1939. Desde cedo interessado em neurologia e psiquiatria, foi interno do

professor Ulysses Pernambucano, mestre renomado e de aguda visão social. Depois de formado, Walderedo apresentou trabalhos que lhe valeram as funções de professor assistente. Nessa qualidade, viajou para o Rio, onde estagiou e estudou nas cátedras de neurologia e psiquiatria, conduzidas por professores renomados, Austregésilo e Roxo. Nessa última cátedra, em 1942, fez um curso sobre psiquiatria na guerra – no qual terão talvez aparecido alguns dos temas trazidos por Simmel e Freud na Primeira Grande Guerra. Mais tarde, aprovado em concurso para livre-docência e doutor em medicina pela Universidade do Brasil, viajou também para Buenos Aires, em 1947, regressando ao Rio no final de 1950, após concluir sua formação (Bastos, 2012).

Tanto Bahia quanto Walderedo possuíam uma ampla cultura humanística, psiquiátrica, firmes alicerces para a cultura psicanalítica que foram adquirindo. Professores, tinham natural talento para o uso da palavra, sendo excepcional a clareza didática de Bahia em suas aulas e explanações. O temperamento de Bahia parecia comedido e cordial, enquanto o de Walderedo teria maior grau de impulsividade. Ambos deixaram um legado de muitos trabalhos psicanalíticos apresentados em reuniões e congressos, publicados em revistas e livros; ambos desempenharam um papel marcante nas instituições em que atuaram. Nos Institutos de Psicanálise, como analistas didatas, contribuíram

com cursos, análises, supervisões para a formação de inúmeros psicanalistas. Aqui, não devo omitir um dado pessoal, decerto de alguma influência na elaboração deste artigo: minha análise foi feita com Walderedo, e Bahia foi meu supervisor. Embora sem nenhuma indicação explícita da parte deles, esse conhecimento terá influenciado meu apreço pela psicoterapia analítica de grupo, na qual trabalhei por cerca de duas décadas. O que nos conduz de volta ao tema do título: a aplicação da psicanálise aos grupos. Bahia foi o primeiro a fazê-la no Brasil (Zimmermann, 1972). Ou, como ele próprio descreve, situando-se “diante dos pacientes reunidos em grupo com os mesmos movimentos expressivos que empregávamos numa análise individual” (Bahia, 1954, p. 335). Sua intenção era a de seguir os paradigmas de neutralidade, abstencionismo e permanente atitude interpretativa norteada pela transferência.

Bahia e “Experiências psicanalíticas em terapia de grupo”

De volta ao Rio em 1950, Bahia retomou seu trabalho no Serviço Nacional de Doenças Mentais. Com grande cuidado, começou a escolher pacientes do ambulatório para constituir o grupo que iria introduzir esse tratamento em nosso meio. Além das entrevistas individuais, utilizou na seleção um método sobre o qual já escrevera um trabalho, o psicodiagnóstico de

Rorschach orientado por uma visão psicanalítica. Os pacientes seriam todos do mesmo sexo, tendo em vista a imaturidade da cultura brasileira da época (importante ressaltar que estávamos em 1951). Assim, o grupo começou a funcionar com quatro componentes: um paciente de estrutura fóbico-paranoide; um caráter masoquístico; uma personalidade obsessivo-impulsiva; e um caráter oral-receptivo, de atitude paranoide e intenso refúgio na doença, considerado como a “estrutura de contraste” por sua extremada desistência de qualquer busca de afirmação pessoal. A exemplo do tratamento individual clássico, a frequência requerida era de quatro sessões semanais, com a duração de 50 minutos.

Ainda em 1951, Bahia apresentou na Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal uma comunicação prévia sobre a nova modalidade terapêutica. Nela, informava que sua postura no grupo era a mesma atitude neutra e interpretativa de um analista diante de um paciente individual – como aquela adotada por Bion. Cerca de três anos de continuidade deram-lhe a experiência e a reflexão teórica que julgava necessárias para a exposição rigorosa do trabalho efetuado. Desse modo, em agosto de 1954, a revista científica *Medicina, Cirurgia, Farmácia* publicava seu artigo “Experiências psicanalíticas em terapia de grupo”, não só pioneiro como também um relato preciso das singularidades inerentes ao processo. Ou, como advertia seu autor: “esta comunicação não pretende, de modo algum, constituir-se numa exposição rutilante de êxitos” (p. 333). Apesar disso, talvez num

eco daquelas aulas de Pichon-Rivière citadas em seu texto, naquela primeira fase sentia que, “nessa etapa inicial, a magia do novo, do inesperado, do inexperimentado e, sobretudo, do promissor ocupava totalmente a cena” (p. 338).

Ao longo do artigo, Bahia vai relatando a trajetória do grupo. Após a cordialidade das primeiras sessões, os participantes passam a protestar contra o médico, que, em vez dos conselhos que esperavam, lhes dá interpretações psicanalíticas. O grupo vai seguindo seu trajeto, na tentativa de cumprir seu propósito, e Bahia nos conta os passos desse trajeto. Nos encontros seguintes, protestos contra o pagamento, mesmo que apenas simbólico, das sessões num hospital público; a ameaça do paciente fóbico de denúncia em jornais; e finalmente, após muitas interpretações sobre o simbolismo do pagamento, a elaboração da questão, com o próprio grupo podendo escolher de modo amigável o valor dos honorários de cada sessão.

Também sonhos, como um em que o paciente A. B., o “contraste”, se vê numa “carruagem em companhia de sua mãe, atravessando ruas desconhecidas em meio a uma multidão informe; o ar de sua mãe é arrogante, coisa que lhe dá medo, pois pensa que daquele modo ela acabará irritando a patuleia” (p. 340). Suas associações de ideias, expressas livremente como uma espécie de comentário ao sonho, oscilam entre a queixa irritada contra a conduta autoritária da mãe em sua infância e a reclamação pela incompreensão arrogante de certos médicos. Escreve Bahia: “É óbvio que a impassibilidade e neutralidade do

terapeuta estão reativando na mente de A. B. a imago da mãe incompreensiva e arrogante e que ele teme estalar de cólera diante dessa ‘arrogância’” (p. 340). À interpretação do terapeuta, que estende ao grupo inteiro esses sentimentos de cólera e do temor gerado por ela, A. B. confirma que ele parece realmente pedante, e os pacientes passam a recordar professores inacessíveis e distantes, um pai áspero e indiferente...

O grupo continua seu trabalho. Ao final de dois meses, porém, um dos pacientes, após repetidas solicitações de entrevista individual, sempre interpretadas mas nunca atendidas pelo psicanalista, termina por desvendar a todos o seu mistério, considerado terrível pela cultura da época: é leproso, contagiante e foragido de uma colônia de portadores da enfermidade. Bahia é forçado a constatar que, apesar de todos os cuidados tomados em sua criteriosa seleção, o grupo guardara intacta sua capacidade de surpreender o terapeuta. A saída desse paciente é seguida pela de dois outros, que “não perdoando a imprevisão do terapeuta (pai), que não adivinhara a lepra de um membro da família, abandonam o tratamento” (p. 341). O único a prosseguir-lo é A. B., selecionado para ser a “estrutura de contraste” no grupo. O tratamento grupal parece transformar-se em individual. Confessa Bahia: “E foi com indisfarçável desagrado que encaramos a perspectiva de ter que organizar uma nova equipe de trabalho. [...] Toda a

situação – era inútil negar – revestia assim o sabor de um incômodo recomeço” (p. 341). Durante várias sessões, Bahia luta com seu próprio desânimo. E é A. B., às vezes orgulhoso por ter sobrevivido, às vezes sarcástico, mas sempre assíduo, quem o ajuda nesse combate, ao declarar-se ciente de que não deve deitar-se no divã, pois a qualquer instante poderá chegar um novo membro do grupo. Embora acabrunhado, é a partir da observação das muitas fantasias de seu paciente A. B. que Bahia vai extraindo uma série de conclusões. Verifica então que a ideia do trabalho em grupo passara a ser uma presença permanente, inevitável. E formula sua compreensão: “Tornava-se manifesto que o grupo, como unidade de trabalho, só em aparência estava desfeito, dado que a entrada de novos componentes era um acontecimento (e psicologicamente também uma vivência) iterativamente repetido” (p. 346). Dizia A. B., como nos conta Bahia:

aquilo não era uma análise individual, e sim psicoterapia de grupo... ou psicanálise de grupo... mas o fato era que mesmo sem proibição do terapeuta estava percebendo que não podia ir para o divã... e se viesse outro paciente, como era de se esperar... (p. 346).

Ao dar-lhe ouvidos e tentar compreender as ansiedades do único paciente remanescente de seu grupo, Bahia é capaz de vencer os obstáculos de seu próprio desânimo e consegue dar continuidade àquele

primeiro grupo terapêutico. Desse modo, como diz Bahia, “exibindo as inquietudes de sua mente, o paciente A. B. nos levava a enxergar muitas de nossas próprias dificuldades” (p. 346). Novos componentes vão sendo introduzidos e a “instituição” grupal criada pelo terapeuta tem prosseguimento, assim como seu registro no artigo de Bahia – primeiro trabalho escrito no Brasil sobre o tema.

Bahia ainda escreveria mais dois artigos sobre grupoterapia, em 1958 e 1961. Continuará seu trabalho com grupos no Serviço Nacional de Doenças Mentais até sua aposentadoria, no início dos anos 70. Não o exerceu, porém, na clínica privada. Até seu falecimento súbito em 1974, seu interesse voltou-se cada vez mais para as renovações teóricas e clínicas trazidas por Bion à psicanálise individual, deixando-nos um legado das mais relevantes e reconhecidas contribuições. Podemos interromper aqui a revisão de seu texto pioneiro e, no rumo de suas observações sobre a contratransferência no grupo, dirigir nosso foco para seu colega de formação na Argentina, fundação e trabalhos na SBPRJ: Walderedo Ismael de Oliveira.

Walderedo e a difusão da psicoterapia analítica de grupo no Rio de Janeiro

Dizia Walderedo no trabalho “O analista na situação analítica de grupo”, apresentado no I Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo: “Mergulhar na situação de grupo é deixar-se levar até o nível regressivo em que funciona. É tarefa

que desafia o analista a envolver-se frente a frente com o seu ‘grupo interno’, numa atmosfera de fantasias muito arcaicas” (Oliveira, 1968, p. 64). Altamente solicitado pela estrutura e pela dinâmica grupais, o analista deve assumir então a *posição contratransferencial básica*, que lhe permitirá acompanhar emocionalmente as comunicações dos integrantes do grupo e melhor compreensão das fantasias e objetos projetados. Assim, para corresponder à externalização do grupo interno dividido de cada indivíduo, o analista teria de “mobilizar seus próprios mecanismos de divisão, expondo-se por isso a regressões que podem enfrentá-lo com suas ansiedades e fantasias mais arcaicas” (p. 65). Tais ideias correspondiam a uma década de experiência acumulada por Walderedo no Setor de Pesquisas Psicanalíticas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, que dirigia desde 1958 a convite do professor Leme Lopes. Quando relidas hoje, podem bem indicar algumas das razões do atual declínio da psicoterapia de grupo, sinalizando a grande dificuldade de sua prática para o psicanalista que pretenda exercê-la com a profundidade requerida.

Sob a orientação estimulante de Walderedo, o Setor de Pesquisas Psicanalíticas do Instituto de Psiquiatria consolidou um campo fértil para a pesquisa e para a assistência psicoterápica da população economicamente menos favorecida. Analistas interessados vieram aprender sua técnica e compartilhar suas vicissitudes, em reuniões clínicas semanais nas quais eram discutidos os grupos em que atuavam como observadores ou coterapeutas. A grupoterapia

analítica se expandia para outras instituições, ambulatoriais, e chegava aos consultórios privados. Em junho de 1958, era ali fundada a Sociedade Brasileira de Psicoterapia de Grupo, com a apresentação de três trabalhos. No primeiro deles, Walderedo anunciava o programa de trabalho da nascente Sociedade e, ao lado da assistência às “crescentes necessidades de nossa população”, acentuava também seu propósito investigativo de pesquisa e “estudo dos problemas psicológicos de nossos grupos sociais, promovendo aquela aproximação e intimidade indispensáveis entre psicanalistas, psiquiatras, sociólogos, antropólogos, assistentes sociais, enfim, de todos os estudiosos que, empregando métodos diferentes, convergem para um objeto comum: o Homem” (Oliveira, 1958, p. 289). Não por acaso, o mais notável sociólogo brasileiro de seu tempo, Gilberto Freyre, foi convidado e aceitou ser membro honorário da jovem Sociedade. E podem ser encontrados, na relação dos trabalhos de Walderedo, títulos como “Discriminação racial nos grupos terapêuticos” (1963), “O indivíduo, o grupo e as fantasias de imortalidade” (1967), “Grupos terapêuticos e grupos ideológicos” (1962) e “Relações entre analistas: um estudo psicanalítico” (1965). Muitos trabalhos, de Walderedo e de outros autores, foram apresentados em congressos e/ou publicados no *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, periódico do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, de bastante prestígio na época, ou noutras

revistas científicas. Grande parte deles abordava os temas psicanalíticos emergentes nos grupos – tais como “Conflito edípico e inveja no grupo terapêutico”, “Situação depressiva e reparação à perda do objeto no grupo terapêutico”, “Sigilo no grupo terapêutico”, “Criação artística, destruição e impulsos reparadores no grupo”, “Reações à gravidez no grupo terapêutico”, “A emergência do líder no grupo”, “Ataque à capacidade de pensar num grupo”, “Psicoterapia de grupo em psicóticos”... Os títulos são representativos dos fenômenos grupais vistos pelas lentes da psicanálise, e bem demonstram a visão trazida pelos grupoterapeutas de então, expressa por Walderedo na fundação da Sociedade:

Quando Freud concebeu a noção de internalização de objetos e o processo de construção do superego pela incorporação de imagens infantis que impõem os hábitos culturais através de uma estrutura interna, abriram-se as avenidas que nos conduzem à compreensão simultaneamente das fantasias inconscientes do indivíduo e da coletividade. (Oliveira, 1958, p. 291)

Essas avenidas foram ainda percorridas numa terceira iniciativa de Walderedo (juntamente com dois outros analistas, Paes Leme e Novaes Filho): a Clínica Villa Pinheiros, instituição psiquiátrica privada, de funcionamento comunitário e orientação psicanalítica, inaugurada em 1969, pioneira no Rio de Janeiro. Excluindo tratamentos

como insulinoterapia e eletrochoque, a Villa Pinheiros oferecia, entre suas muitas inovações (arteterapia, grupos operativos etc.), a psicoterapia analítica de grupo para os pacientes internados e egressos. Nela trabalharam ou estagiaram vários analistas e um significativo número de alunos e futuros e expressivos membros da SBPRJ. De funcionamento oneroso, sete anos após sua abertura, as dificuldades financeiras da época determinaram seu encerramento.

Quando Walderedo faleceu, no primeiro dia de 2005, a idade avançada de 88 anos já o havia aposentado dos trabalhos. Mas continuava saudosos de seus tempos de terapeuta de grupo – embora se interrogasse sobre as razões de seu declínio em instituições e consultórios.

Algumas questões à guisa de conclusão

O desinteresse pela psicoterapia de grupo no Brasil tem despertado algumas questões e hipóteses. Em seu estudo sobre o inconsciente social, Carla Penna dá voz à pergunta: “Como um país tão vasto, necessitado de assistência especializada, não se utiliza de práticas grupais em maior escala?” (2014, p. 23). Formula então algumas hipóteses, como o crescimento da cultura narcísica e o desinteresse pela formação por parte dos profissionais, ciente, porém, de que são apenas hipóteses.

Essas questões permanecem vivas. Ao lado das opções individualistas de nosso tempo, outras causas podem ser aventadas. Por exemplo, o medo ao contágio, tão concreto naquele primeiro grupo de Bahia; ou,

para o terapeuta, o receio de expor-se às angústias da posição contratransferencial básica, tão necessária, segundo Walderedo, para a compreensão não intelectualizada do grupo; ou a fadiga psicológica decorrente dessa exposição; ou, ainda no âmbito do terapeuta, a aparente facilidade da tarefa de tratar um grupo – a qual teria,

como resultado, uma realização precária e até contraproducente, tanto para os pacientes quanto para o terapeuta desavisado; e, sobretudo, algumas questões polêmicas em relação à eficácia, à validade e à própria essência da psicoterapia analítica de grupo. Vida breve, arte longa; as perguntas continuam.

Memoria: Alcyon Baer Bahia, Walderedo Ismael de Oliveira y una aplicación casi olvidada del psicoanálisis

El artículo recuerda el trabajo de dos pioneros del psicoanálisis en Rio de Janeiro que también se dedicaron a los grupos terapéuticos, llevando así a Brasil las técnicas que habían aprendido durante el periodo de su formación analítica en Argentina: Alcyon Baer Bahia, creador del primer grupo de psicoterapia analítica realizado en Brasil (1951), y Walderedo Ismael de Oliveira, director del Sector de Investigación Psicoanalítica del Instituto de Psiquiatría de la Universidad de Brasil. La práctica de ambos se fundamentaba en los conocimientos adquiridos por Bion y otros analistas durante la Segunda Guerra Mundial en el Hospital de Northfield y en la Clínica Tavistock. Los animaban las preocupaciones sociales – similares a las expresadas por Freud en 1919 – y el deseo de investigación de la psicología de las sociedades humanas, tal como lo había hecho Freud en 1921.

PALABRAS CLAVE: pioneros del psicoanálisis; psicoterapia analítica de grupo.

Memoir: Alcyon Baer Bahia, Walderedo Ismael de Oliveira, and an almost forgotten use of psychoanalysis

This paper recalls the work of two pioneers of psychoanalysis in Rio de Janeiro, Alcyon Baer Bahia and Walderedo Ismael de Oliveira, who also devoted themselves to extending psychoanalysis to therapeutic groups. They both brought to Brazil the techniques they had learned during their psychoanalytic training in Argentina. Their practice was primarily founded on the knowledge Bion and others gained at Northfield Hospital and Tavistock Clinic during World War II. They both were inspired by social concerns, which were similar to those Freud had shown in 1919, and by Freud's understanding of group psychology (1921). The author also emphasizes two important facts: Alcyon Bahia formed the first group of psychoanalytic group therapy in Brazil (1951), and Walderedo Ismael de Oliveira directed the Psychoanalytic Research Sector of the Institute of Psychiatry in University of Brazil.

KEYWORDS: pioneers of psychoanalysis; psychoanalytic group therapy.

Referências

- Bahia, A. (1954). Experiências psicanalíticas em terapia de grupo. *Medicina, Cirurgia, Farmácia*, 220, 333-349.
- Bastos, J. C. (2012). Esboço de uma trajetória: Walderedo Ismael de Oliveira. In P. Marchon (Org.), *A psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil* (pp. 284-285). Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes.
- Cesio, F. (2000). *La gesta psicoanalítica en América Latina*. Buenos Aires: La Peste.
- Freud, S. (1969a). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 201-211). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1969b). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 91-184). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Grinberg, L., Langer, M. & Rodrigué, E. (1957). *Psicoterapia del grupo: su enfoque psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós.
- Marinho, F. (2012). Biografia de Alcyon Baer Bahia. In P. Marchon (Org.), *A psicanálise no Rio de Janeiro e sua difusão pelo Brasil* (pp. 169-180). Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes.

Oliveira, W. I. (1958). Sobre psicoterapia analítica de grupo. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 4, 287-292.
Oliveira, W. I. (1968). O analista na situação analítica de grupo. In D. Zimmermann & M. Bertoni (Orgs.), *Atas do I Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo* (pp. 59-69). Porto Alegre: [Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo].

Penna, C. (2014). *Inconsciente social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
Perestrello, M. (Org.). (1987). *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise: suas origens e fundação*. Rio de Janeiro: Imago.
Zimmermann, D. (1972). *Estudos sobre psicoterapia analítica de grupo*. São Paulo: Mestre Jou.

 Roberto Bittencourt Martins
Rua Jardim Botânico, 635/308
22470-050 Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 2274-5744
rbmartins@globo.com